

vaca sagrada

david duchovny

Tradução de Renato Carreira



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

Para West e Miller

E Blue e George e Black e Joe e Patty e Delilah

A diferença entre a mente dos homens e dos animais superiores, grande como é, será certamente uma diferença de grau e não de tipo.

CHARLES DARWIN

1

PERMITAM QUE ME APRESENTE

A maior parte das pessoas acredita que as vacas não pensam. Olá. Deixem-me reformular. A maior parte das pessoas acredita que as vacas não pensam e não têm sentimentos. Olá, outra vez. Sou uma vaca. Chamo-me Elsie. Sim, tem graça.¹ E juro que é verdade. Não é teta. Viram? Pensamos, temos sentimentos e fazemos piadas. A maior parte de nós, pelo menos. A minha tia-avó Elsie, em honra de quem me deram este nome, não tem sentido de humor. Nenhum. Zero. Nem sequer gosta de piadas com humanos a fazerem coisas estúpidas. Como aquela que começa assim: dois humanos entram num estábulo... Esperem. É possível que não me reste muito tempo aqui. Não posso perder o fio à meada.

¹ Alusão à Vaca Elsie, mascote originalmente criada para a *Borden Dairy Company*. (N. do T.)

Estou só a tentar esclarecer algumas coisas. Vejamos... Ah, sim. Talvez se interroguem sobre como consigo escrever isto quando não tenho dedos. Não consigo segurar uma caneta. Acreditem que tentei. Não foi bonito. Não que restem muitas canetas com os computadores por todo o lado. E, mesmo que pensemos, tenhamos sentimentos e graça, não conseguimos falar. Pelo menos, com os humanos. Temos aquilo a que chamam uma «tradição oral». Histórias e fragmentos de sabedoria transmitidos de mãe vaca para filha bezerra, de geração para geração. Um bocado como foram transmitidas as vossas *Odisseias* ou as vossas *Iliadas*. Cantando, por exemplo. Perdoem-me o *name dropping*. Homero. Bum. Eu espero enquanto apanham o queixo do chão.

Todos os animais conseguem falar uns com os outros usando tipos de gemidos, assobios, rosnados ou guinchos. Uma espécie de esperanto universal animalesco. Leões com cordeiros, pássaros com cães, alces com gatos. Se alguém quisesse mesmo manter uma conversa longa com um gato. São muito narcisistas. Mas nós, o reino animal, não temos palavras ou aquilo a que a gente poderíamos chamar linguagem. Sim, eu sei que dei um pontapé na gramática agora mesmo. Fi-lo para dar ênfase. Não sou um marsupial. Os marsupiais são famosos pela sua incapacidade para compreender as regras da gramática (Já tentaram dialogar com um canguru? É quase incompreensível, mesmo que se consiga perceber o sotaque australiano). E ninguém sabe o que dizem os peixes. Mas tergiverso. É um hábito muito bovino. Tergiversar e ruminar. É o que fazemos. Nós, as vacas, temos muito tempo nos cascos para mastigar alimento parcialmente digerido. Ficamos de pé, comemos, conversamos, talvez encontremos uma pedra de sal para lambar. É uma boa vida.

Ou melhor, era uma boa vida. Até há cerca de dois anos. Foi mais ou menos nessa altura que começou a história que conto.

A minha vida até esse ponto foi idílica. Nasci numa pequena quinta no Norte do estado de Nova Iorque, nos Estados Unidos. O clã Bovary anda por lá desde o início dos tempos. A minha mãe, a mãe da minha mãe, a mãe da mãe da minha mãe, etc. Os pais são sempre muito ausentes nas famílias bovinas. O meu pai, Ferdinand (sim, eu sei)², costumava visitar-nos de vez em quando e suponho que foi assim que nasceram os meus irmãos e irmãs. Mas, na maior parte do tempo, os rapazes vivem separados das raparigas. Gostam de nos olhar fixamente do outro lado da cerca. Às vezes, é um bocado sinistro, para ser sincera. É como se os rapazes fossem uma espécie diferente, mas não sou ninguém para julgar. Se aprendi alguma coisa nos últimos dois anos foi a não julgar. Acho que o que quero dizer é que, desde o início da civilização, os rapazes e as raparigas foram mantidos separados e deixámos de esperar alguma coisa diferente. É tudo o que sempre conheci e, por isso, não perco tempo a desejar que o meu pai estivesse mais presente.

Os humanos adoram-nos. Pelo menos, era o que pensava. Era o que todas pensávamos. Adoram o nosso leite. Pessoalmente, acho um bocado estranho beber o leite de outro animal. Não vou ter com uma senhora humana que acaba de dar à luz para pedir: «Posso provar?» É estranho, não é? Não vai acontecer. É um bocado horrível. Mas é por isso que nos adoram. O velho leite. *Leche*. Cada qual sabe de si, acho eu. E todas as raparigas crescem sabendo que, todas as manhãs, o fazendeiro vem buscar o nosso leite. O que é um alívio porque inchamos e é agradável sentirmo-nos esbeltas e esguias depois de uma boa ordenha. Sim, preocupamo-nos com a aparência. E não nos agrada quando chamam vaca a alguém a alguém que acham gorda. Tal como os porcos não ficam satisfeitos com a história de chamarem «porco» ou «suíno» a alguém

² Alusão à personagem principal de *Ferdinand the Bull* da *Walt Disney*. (N. do T.)

e tal como as galinhas não acham piada à história de cacarejarem quando encontram alguém sem pingo de coragem (confesso que isto até me agrada porque os galos são a criatura mais irritante que Deus pôs na Terra).

Sim, acreditamos em Deus. Num Deus com forma de vaca. Estava a brincar. Assustei-vos, não foi? Mas é verdade que acreditamos que alguém criou todas as coisas no mundo. Todos os animais, animalejos, plantas, pedras e almas. Se esse Criador tem forma de vaca, de porco, de pessoa, de amiba ou de Jerry Garcia, não sabemos e não nos importa. Acreditamos que há uma força superior que rege a vida e a criação. A coisa mais próxima disto que as pessoas têm é a Mãe Terra. Mas isso é só uma aproximação. E não é só uma questão de crença. Temos a certeza de que é assim. Temos essa convicção nos ossos e nos ossos dos nossos antepassados perdidos algures na quinta do Velho MacDonald.

Bolas. Sou uma vaca que não consegue ir direta ao assunto. Terão de se habituar. Homero também se perdia, não era? Tenho um precedente. Antes de vos contar o que aconteceu, deixem-me contextualizar. Contar-vos a minha vida antes do Evento. É isso que lhe chamo. O Evento. Ou a Revelação. Ou o Dia em Que a Bosta Começou a Cheirar. Deixem-me descrever a cena. Para dar mais colorido.

A vida na quinta é bastante tranquila. Passa-se muito tempo na pastagem com as amigas, com os bois a olharem-nos de alto a baixo. A erva é sempre mais verde do outro lado, costumava dizer a minha mãe. Era uma grande mãe, mas desapareceu um dia, como costuma acontecer com todas as mães vacas. Aprendemos a aceitar isso. A aceitar que uma mãe não é mãe para sempre e que continua a amar-nos mesmo que desapareça sem de despedir depois de acabar de criar a bezerra. E, mesmo sabendo que «as coisas são assim» e que «as coisas sempre foram assim», continuo a ficar um bocado comovida quando

penso na minha mãe. Era linda. Grandes olhos castanhos, um sentido de humor fantástico. Esteve sempre comigo até que, um dia, deixou de estar. Mas já lá vamos. Permitam-me um momento para pensar na minha mãe. Os sentimentos vêm e vão, a não ser quando não se sente nada. Depois, ficam, magoam e crescem até ficarem estranhos e com forma de pera. É por isso que, quando nós, as vacas, temos um sentimento, sentimo-lo até passar. Depois, podemos mugir em frente. Pimba. Não estavam à espera desta, pois não?

Recordo a minha infância através da lente verde como erva da nostalgia. Parece tudo tão distante e perfeito. Todos os dias eram soalheiros, mesmo quando chovia. Tínhamos erva, comida, um sítio para dormir e boas amigas. E havia sempre um drama qualquer com os outros animais, mas nada de muito grave. A hierarquia da quinta é muito flexível. Não sei se poderíamos chamar-lhe uma democracia. Acho que uma descrição melhor será «vive e deixa viver». A não ser que haja galinhas por perto. Se houver, vale tudo. Não sei se leram *O Triunfo dos Porcos*. Parece que é um livro que todas as crianças humanas têm de ler. Pessoalmente, prefiro *A Teia de Carlota*, mesmo que seja complicado lidar com aranhas. *A Teia de Parvota* soa melhor. (E oito pernas? A sério? Duas ou quatro são números adequados de pernas. Toda a gente sabe isto. Até cinco seriam aceitáveis. Oito parece-me uma recusa em aceitar um compromisso. Ou desgoverno. Ou mesmo desespero. Percebem?)

Seja como for, uma quinta normal não tem nada a ver com *O Triunfo dos Porcos*. Não há chefes. Somos todos chefes e temos um sistema a que chamariam matriarcal. São as fêmeas que controlam tudo. Não liguem ao que dizem os estúpidos dos galos. As vacas têm um ditado: não me pises a teta e não pisarei a tua. Depois, acrescentamos amor. Amor animal. Amor puro.



É aí que a vida acontece. No pasto.

Sim, matamos para sobreviver. Alguns de nós têm de o fazer, mas não é matar como matam os humanos. Não há ódio ou alegria. Só necessidade. Não somos nenhuma Pollyannas. Compreendemos até a raposa que rouba ovos ou o gavião que leva um leitão para uma morte horrível no céu. É assim. Agradeço à erva enquanto a mastigo. Acham que as plantas não têm sentimentos? Talvez não tenham sentimentos como os nossos, mas têm sentimentos plantosos. Sentimentos muito lentos que desabrocham ao longo de anos e não de segundos. Para uma vaca, o mundo é uma coisa grande e cheia de sentimentos.

É assim que funciona:

Segunda-feira

AMANHECER: Ser ordenhada. Com sorte, calha-nos o filho do meio ou o mais novo. O mais velho é muito bruto com as mãos. Não quer estar ali. Eu percebo, pá. É muito cedo. Mas, mesmo assim...

DEPOIS DA ORDENHA: O portão abre-se e vamos para o pasto, onde passamos a maior parte do dia, pastando, ruminando, conversando, partilhando mexericos, etc.. É aí que a vida acontece. No pasto. Erva verde doce e feno ainda mais doce.

FIM DA TARDE: De volta ao estábulo para passar a noite. Outra ordenha e costumamos ir dormir ao anoitecer. Estamos em sintonia com os ritmos da Terra e tal. Quando a minha mãe andava por cá, costumava contar-me histórias. Gostava daquelas em que os humanos se comportavam como animais. A minha mãe era uma grande contadora de histórias e costumava adormecer a ouvir a sua voz. Era como o vento so-

prando delicadamente entre as árvores ou um regato correndo sobre seixos.

A terça, a quarta, a quinta, a sexta, o sábado e o domingo são exatamente iguais.

Bastante simples, não é? Acordar, ser ordenhada, pastar, ser ordenhada, história, dormir. Não queria mais nada. Nunca quis mais nada. Nunca quis viver noutra sítio. E queria o mesmo para as minhas filhas e netas para todo o sempre, mesmo sem conseguir imaginar-me a deixá-las como a minha mãe me deixou a mim. Até ao Evento, claro. Até ao dia em que a Terra deixou de girar, quando aconteceu aquilo que fez a bosta começar a cheirar. Foi então que percebi tudo. Até a questão da minha mãe. E, mesmo que fosse doloroso, não o trocava por nada. A inocência é fantástica, mas o mundo oferece-nos mais do que isso e é errado não aceitar. Não podemos ser bezerras para sempre.

Estamos quase lá. Este preâmbulo todo está a deixar-vos frustrados? Estão cansados da contextualização? É esse o problema de miúdos malucos como vocês, habituados aos vossos videojogos. Não têm paciência. O tempo das vacas corre devagar e não aceito que me apressem. Tenho de fazer o meu trabalho e dormir uma sesta. Gosto de uma boa sesta. Depois disso, o Evento.

UMA HISTÓRIA LEITEIRA

Pronto, já cá estou outra vez. Vamos a isto. Espero ter conseguido contextualizar bem a cena, para perceberem como a quinta funciona de uma forma vive-e-deixa-viver, sabendo nós que estamos aqui para prestar serviços aos humanos em troca de comida, abrigo e segurança. Não pedimos para vir para aqui, certo? Sabiam que as vacas não são indígenas da América do Norte? Não são. Os meus antepassados, a minha tetravó, veio algures daquilo a que os humanos chamam Médio Oriente. Foi aí que o Criador nos colocou. Foi aí que pousámos os cascos no solo pela primeira vez. Chamavam-lhe «a terra de leite e mel». Adivinhem quem providenciava o leite? Ainda que me digam que as cabras também são ordenhadas pelos humanos. Estão a brincar comigo? Sem ofensa, mas o leite de cabra não tem comparação possível com o leite de vaca, a não ser que se pergunte a um cabrito. Alguma vez viram uma vaca tentando beber leite de cabra? Assunto encerrado.

Agora, ouço histórias de humanos que ordenham uma coisa a que chamam «amêndoa» e outra chamada «soja». Nunca vi uma amêndoa ou uma soja selvagens galopando no seu *habitat* natural, mas o leite de vaca é o melhor. Apostaria três dos meus quatro estômagos. Claro que não consigo ser parcial. Como poderia sê-lo? É a parcialidade que faz girar o mundo, às vezes depressa de mais. Mas já me perdi. E talvez não me tenha perdido. Talvez a distância mais curta entre dois pontos não seja uma reta. Ruminem lá isso.

Tinha três anos de idade. A minha mãe partira para parte incerta, mas estava bem. Vivia a minha vida e ansiava por ter filhos próprios. Tinha até começado a olhar para alguns dos bois do outro lado da cerca, pensando: «Nada mau.» Nunca acreditei que pudesse acontecer, mas era nesse ponto que estava e acabou por me conduzir ao ponto em que estou agora. Um dia, eu e a Mallory, a minha melhor amiga, trocámos segredinhos. A Mallory é mesmo bonita. Podia ser modelo. Podia ser a vaca no pacote de leite. Mostro-vos o diálogo, mas não esqueçam que a transcrição não foi feita palavra por palavra. É uma aproximação. Não sou um gravador. Não sou um elefante. Apesar de ter amigos que são. Mamíferos muito simpáticos. Boa gente. Aqui vai:

MALLORY

Não sei, Elsie, mas, de repente, acho que quero passar tempo com os bois. Não sei o que me deu.

ELSIE (Sou Eu!)

Eu sei. Sinto o mesmo.

MALLORY

Que se passa connosco? Quando o Frank, aquele boi jovem, corre pelo pasto, fungando e raspando os cas-

cos, sinto qualquer coisa estranha cá dentro e deixa de me incomodar que tenha o nariz coberto de ranho.

ELSIE

Eu sei, eu sei. Acho que a minha mãe me falou disto, mas só de maneira superficial. Disse que, um dia, as coisas que me interessavam passariam a ser aborrecidas e as coisas que achava aborrecidas passariam a ser interessantes.

MALLORY

A tua mãe era fantástica. Para onde foi?

ELSIE

Era. Não sei. Para o mesmo sítio para onde foi a tua mãe, acho.

MALLORY

Pois.

ELSIE

Já reparaste que, às vezes, o filho mais velho se esquece de trancar o portão depois de nos tirar o leite? Quando voltar a fazê-lo, porque não saímos para falar com os bois?

MALLORY

Mas vão ver-nos.

ELSIE

Vamos fazê-lo à noite!

MALLORY

És tão esperta! À noite será o melhor momento. Nem sequer sei de onde veio isto.

ELSIE

Quem és tu agora?

MALLORY

Não sei! Sou uma maluca! Olha o que aquele boi, o Frank, está a fazer agora mesmo. Ou será o Steve?

ELSIE

É o Steve.

MALLORY

Sim. Vê como raspa os cascos e grunhe. É tão fixe. O bom velho Steve.

ELSIE

Pensei que gostasses do Frank.

MALLORY

E gosto. O Frank é uma bomba. Acho que gosto deles todos.

Depois disso, tivemos uma sessão de conversa em que falámos de bois durante cerca de vinte minutos, mas não vos conto o que foi dito porque é privado e ainda não contactei a Mallory para ter a certeza de que pode ser uma personagem na minha história. A minha editora diz que preciso de autorização. E Mallory não é o nome verdadeiro dela. A sério que não.

Viram como a cena foi escrita naquilo a que chamam «formato

de guião»? A minha editora adora estas coisas. Produtores importantes de Hollywood, tomem nota. Isto quase se filma sozinho.

Foi isso o que fizemos. Esperámos. Foi como se tivéssemos esperado uma eternidade. O rapaz mais velho, o das borbulhas e do telemóvel, ficou muito cuidadoso em fechar o portão, mas soube que não duraria. Os humanos distraem-se facilmente. Especialmente com os telefones. Têm uma ligação estranha e pouco natural com aquelas engenhocas. Não estou a julgar, mas é estranho. Está bem. Estou mesmo a julgar. Sabia o que fazer. Era só uma questão de tempo.